

# Vida acadêmica, o sofrimento psíquico e o uso de psicotrópicos entre mulheres universitárias na UFSC, Brasil\*

Amorim, B. M. (2024). Vida acadêmica, o sofrimento psíquico e o uso de psicotrópicos entre mulheres universitárias na UFSC, Brasil. *Revista Cultura y Droga*, 29(37), 132-154. <https://doi.org/10.17151/culdr.2024.29.37.7>

Barbara Michele Amorim\*\*

Recibido: 15 de marzo de 2023

Aprobado: 17 de mayo de 2023

## Resumo

A relação entre violências de gênero, sofrimento psíquico e uso de medicamentos se faz urgente. Cada vez mais temos acesso a notícias de casos de assédio moral e sexual dentro das universidades brasileiras e endossamos os estudos que tratam dos sofrimentos causados por essas violências. Entendemos que esses recorrentes assédios expressam o que Bourdieu chama de violência simbólica e transforma radicalmente a vida pessoal e profissional das mulheres.

A partir de entrevistas semiestruturadas, pudemos verificar o poder e também a hierarquia institucional presente nos assédios tratados. Além da dominação masculina, a vida acadêmica das mulheres é atravessada pela necessidade, imposta pelo neoliberalismo, de serem empreendedoras de si, conforme assinala Laval. O que decorre é a busca por agentes externos (medicamentos) que estimulam o autocontrole, gerenciamento de si, produtividade e sucesso. O uso de psicofármacos, e o discurso de auto responsabilização tiram das instituições qualquer responsabilidade com o adoecimento mental, pois ressignifica os problemas sociais como deficiências individuais, físicas e assim, remediáveis.

**Palavras chave:** violência de gênero, sofrimento psíquico, mulheres, universidade, psicofármacos

---

\* Trata-se de um artigo de reflexão derivado da pesquisa “Mulher e academia: análise sociológica do assédio como sofrimento psíquico entre estudantes da UFSC”, apresentado como Trabalho de Conclusão de Licenciatura no Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina - BR.

\*\* Doutora em Sociologia Política - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis - Santa Catarina, Brasil. Email: [barbara.amorim@posgrad.ufsc.br](mailto:barbara.amorim@posgrad.ufsc.br)  [orcid.org/0000-0003-0068-9568](https://orcid.org/0000-0003-0068-9568). **Google Scholar**



## **Vida académica, sufrimiento psíquico y el uso de psicotrópicos entre mujeres universitarias en la UFSC, Brasil**

### **Resumen**

La relación entre la violencia de género, el sufrimiento psíquico y el uso de medicamentos se vuelve urgente. Cada vez más tenemos acceso a noticias de casos de acoso moral y sexual dentro de las universidades brasileñas y respaldamos los estudios que tratan sobre los sufrimientos causados por estas violencias. Entendemos que estos acosos recurrentes expresan lo que Bourdieu llama violencia simbólica y transforman radicalmente la vida personal y profesional de las mujeres.

A través de entrevistas semiestructuradas, pudimos verificar el poder y la jerarquía institucional presentes en los acosos tratados. Además de la dominación masculina, la vida académica de las mujeres está atravesada por la necesidad, impuesta por el neoliberalismo, de ser emprendedoras de sí mismas, como señala Laval. Lo que resulta de esto es la búsqueda de agentes externos (medicamentos) que estimulen el autocontrol, la gestión de uno mismo, la productividad y el éxito. El uso de psicofármacos y el discurso de la autoresponsabilidad eximen a las instituciones de cualquier responsabilidad en el deterioro mental, ya que reinterpreta los problemas sociales como deficiencias individuales, físicas y, por lo tanto, remediabiles.

**palabras clave:** violencia de género, sufrimiento psíquico, mujeres, universidad, psicofármacos

## **Academic life, psychological suffering, and the use of psychotropic drugs among female university students at UFSC, Brazil**

### **Abstract**

The relationship between gender-based violence, psychological suffering, and medication use becomes urgent. We increasingly have access to news of cases of moral and sexual harassment within Brazilian universities and endorse the studies that address the suffering caused by these forms of violence. We understand that these recurring harassments express what Bourdieu calls symbolic violence and radically transform the personal and professional lives of women.

Through semi-structured interviews, we were able to observe the power and institutional hierarchy present in the treated harassments. In addition to male domination, women's academic lives are marked by the need, imposed by neoliberalism, to be entrepreneurs of themselves, as pointed out by Laval. What follows is the search for external agents (medications) that stimulate self-control, self-management, productivity, and success. The use of psychotropic drugs and the discourse of self-accountability absolve institutions of any responsibility for mental illness, as they redefine social problems as individual, physical deficiencies, and thus, remediable.

**Key words:** gender violence, psychic suffering, women, university, psychoactive drugs

## Introdução

Nas últimas décadas, os trabalhos como os de Reis Sousa & da Costa Padovani (2019); Marques Leão *et al.* (2019); Caixeta & Almeida (2013); Cordeiro de Souza *et al.* (2015) e Amorim & da Silva Mazon (2023) abordaram a temática dos sofrimentos psíquicos nas Universidades brasileiras partindo de diferentes enfoques teóricos, mas concordando, em maioria, com a necessidade de se estudar mais a fundo a temática que não é apenas individual, mas coletiva das instituições acadêmicas.

Conforme Ibrahim *et al.* (2013) e Pereira de Oliveira (2021) há um aumento da taxa de sofrimento mental entre estudantes universitários comparando com jovens da mesma idade que não estão nas universidades. Marques Leão *et al.* (2019) argumentam que o sofrimento psíquico na universidade pode expressar experiências ligadas diretamente ao contexto da universidade, como jornada de trabalho e estudo, produtivismo acadêmico, assédio moral e sexual, precarização das condições de trabalho e estudo. É importante considerar que o momento dos estudos universitários em geral coincide com o momento em que surgem outros desafios não exclusivos do ambiente acadêmico: o desafio do distanciamento do núcleo familiar, a necessidade de criar uma nova rede de amigos, o relacionamento com a instituição e funcionários, para alguns a dupla jornada de trabalho e estudo, cuidado de filhos, etc. (Caponi *et al.*, 2021). Assim como Safatle *et al.* (2020), entendemos que o conceito de sofrimento

permite articular melhor os saberes expertos em psicologia, psicanálise e psiquiatria; e os saberes mobilizados por nossas entrevistadas, ou seja, ele “localiza-se de modo intermediário entre, por um lado, os sintomas e sua regularidade clínica e, por outro lado, o mal-estar e suas conflitivas existenciais” (p. 8).

A pesquisa *Sofrimento Psíquico entre estudantes da UFSC* (Caponi *et al.*, 2021), da qual este é um desdobramento, teve como objetivo investigar os fatores associados ao sofrimento psíquico dos estudantes universitários da graduação e da pós-graduação da UFSC, destacando elementos “relacionados com saúde mental, bem-estar e qualidade de vida no ambiente universitário, as formas como os alunos se relacionam com as ações desenvolvidas institucionalmente para lidar com as problemáticas de saúde mental” (Caponi *et al.*, 2021, p. 6). Essa pesquisa contou com duas etapas metodológicas: uma quantitativa, questionário fechado e auto-aplicado de forma online; e outra qualitativa, entrevistas semi estruturadas realizadas pela equipe do projeto com as pessoas que já haviam respondido ao questionário e se dispuseram a continuar participando. A primeira etapa teve a participação de um total de 1.621 alunas e alunos de graduação e pós graduação dos diversos campi da UFSC e a segunda etapa contou com 38 entrevistas também realizadas com estudantes da graduação e da pós-graduação.

O relatório da primeira etapa da pesquisa de Caponi *et al.* (2021) mostrou que 64,7% das respondentes eram do sexo feminino. As maiores dificuldades específicas relatadas por elas foram:

- a) Aham mais difícil obter auxílios estudantis na UFSC;
- b) Possuem mais frequentemente algum diagnóstico psiquiátrico;
- c) Estão se sentindo mais nervosas, tensas, preocupadas, tristes, cansadas, se sentem mais frequentemente fracassadas e com perda de interesse pelas coisas;
- d) Mais frequentemente sofrem violências dentro e fora da universidade;
- e) Sofrem com a questão do machismo dentro e fora da UFSC;
- f) São mais frequentemente violentadas sexualmente fora da UFSC;
- g) Já se sentiram em uma maior taxa discriminadas na universidade, principalmente por professor e por colegas;
- h) Mais frequentemente se sentem insatisfeitas com o tipo de amigos que têm;
- i) Não saem com os amigos tantas vezes quanto gostariam;

j) Tiveram mais dificuldade de concentração, solidão, medo, tristeza, insegurança, estresse, desânimo e ansiedade durante a pandemia da Covid-19. (pp. 146-147)

Soares Nunes & Martins Fittipaldi (2020) nos lembram da naturalização do sacrifício de “ficar doente” durante o processo de mestrado e doutorado. Conforme os autores, “é uma ideia perversa perpetrada entre os próprios docentes e discentes na propagação dessa cultura de violência” (p. 18). No caso das mulheres, o ambiente acadêmico não é acolhedor, ao contrário é hostil desde a sala de aula até os departamentos e chefias. Em seus estudos sobre o Estado, Bourdieu (2014) o define como detentor do monopólio da violência física e simbólica, produzindo os princípios de representação legítima do mundo social. Nesse sentido, a universidade, enquanto instituição do Estado, reafirma simbólica e objetivamente que este espaço não foi pensado por elas e nem para elas.

Interessa-nos uma aproximação sociológica do tema olhando para o contexto mais amplo destas situações de assédio, naquilo que Bourdieu nomeia como dominação masculina e que expressa a violência simbólica:

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação. [...]. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembléia ou de mercado, reservado aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais. (Bourdieu, 2012, p. 18)

Argumentamos que as pressões e assédios (morais e sexuais) são intensificados quando as estudantes são mulheres. Bitencourt (2008) trabalha com a construção do campo científico enquanto uma representação de ciência e de cientista vinculada culturalmente ao masculino. Mesmo que as mulheres contemporâneas tenham mais liberdade de escolhas profissionais e já não sejam mais vinculadas apenas à procriação, a autora afirma que elas não transformaram a cultura científica, elas “obedecem a estas regras institucionais” (p. 21). Articular o conceito de violência simbólica nos permite

analisar as estruturas e discursos do campo científico acadêmico, evidenciando o caráter coletivo dos assédios. Um reflexo da estrutura pode ser observada na fala a seguir: *“e ela continua coordenadora, ela é coordenadora ainda, e é mulher, e foi justamente isso né, eu fui com uma expectativa alta de achar amparo ali e não, não encontrei”* (Entrevistada 3).

Além das pressões e assédios relatados, a pesquisa de Amorim & da Silva Mazon (2023) chegou a conclusão que os casos de assédio moral/violência psicológica e assédios de cunho sexual ocorrem mais na relação entre estudante mulher e professor homem, mais velho; revelando o poder e também a hierarquia institucional presente nos assédios abordados. As situações de assédio se tornaram fatores relevantes para mudança de núcleo/laboratório/pesquisa pelas mulheres violentadas; evidenciando o quanto os assédios podem transformar radicalmente a vida pessoal e profissional das mulheres, principalmente quando silenciadas.

Estudos como o de De Lima Pereira & Ghilardi (2020), da Silva Mazon (2022) e Davies (2022) argumentam que as pessoas na sociedade capitalista contemporânea recorrem muitas vezes ao uso de medicamentos como forma de manter a saúde mental, aumentar a produtividade e anestesiar as exigências impostas. Com diferentes ênfases, estudos que tratam o tema da medicalização e farmacologização da sociedade interrogam os processos pelos quais problemas não médicos são transformados em problemas médicos ou transtornos (Conrad & Schneider, 1992).

O presente artigo reflete sobre a vida acadêmica, os sofrimentos experienciados e o uso de medicamentos psicotrópicos por mulheres estudantes da UFSC. Para tal, analisamos vinte e duas entrevistas<sup>1</sup> realizadas com estudantes mulheres, da graduação e pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, onde ficou evidente a hierarquia institucional presente nos assédios: todas elas tinham um caso pessoal ou de pessoa próxima que sofreu algum tipo de assédio dentro da universidade. Elas tinham entre 22 e 50 anos; sete estavam na graduação, sete no mestrado e oito no doutorado e; tinham formações variadas (educação física, direito, química, linguística, oceanografia, engenharia mecânica, arquivologia, engenharia civil, biotecnologia, agronomia, economia, farmácia, serviço social, psicologia,

---

<sup>1</sup> Em relação às questões éticas, o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da UFSC, sob o número 4.252.516. A participação no estudo foi formalizada a partir da assinatura digital do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

por exemplo). As entrevistas foram todas realizadas na modalidade online, pois já estávamos em isolamento por causa da pandemia de COVID-19.

### **Sofrimento psíquico em estudantes universitários: o empreendedorismo de si em questão**

É sabido que a vida acadêmica pode gerar sofrimentos e angústias. As pesquisas indicam que cada vez mais as e os estudantes brasileiros têm sua saúde mental afetada. A pesquisa realizada pela ANDIFES, em 2014, elencou as dificuldades que interferem na vida acadêmica das e dos estudantes pesquisadas/os. Entre as dificuldades listadas, as dificuldades financeiras apresentam maior frequência, seguida pela carga excessiva de trabalhos estudantis e a relação professor(a)/aluno. Menos numerosos, aparecem as violências: física, com 2,1%; sexual, com 1,07%; psicológica, com 4,55%; e situações de discriminação e preconceito, com 9,76%. Quando o tema foi sobre as dificuldades emocionais, algumas das respostas foram: ansiedade, entre 58,36% das pessoas pesquisadas; desânimo em 44,72%; insônia ou alterações no sono em 32,57%; sensação de desamparo/desespero/desesperança em 22,55%; sentimento de solidão em 21,29%; tristeza persistente em 19,28%; problemas alimentares em 12,56%; medo /pânico em 10,56%; idéia de morte em 6,38%; e pensamento suicida em 4,13% (ANDIFES, 2014).

Dados já obtidos pela pesquisa de Caponi apontam para a percepção das/espondentes de que sofrem mais machismo dentro do ambiente universitário que fora dele (Caponi *et al.*, 2021).

Em relação a violências sofridas pelos estudantes dentro e fora da universidade:

- a) O principal tipo de violência sofrido pelos estudantes fora da UFSC é a violência verbal;
- b) Por outro lado, dentro da UFSC, o principal tipo de violência sofrida é o machismo, mas a violência verbal também se destaca, porém em uma proporção menor;
- c) Na maioria dos tipos de violência indicados, a taxa dentro da UFSC é menor do que fora. Isso fica evidente no fato de que 50,2% relataram que nunca sofreram violência na UFSC, mas apenas 12,8% afirmaram que nunca sofreram violência fora da UFSC;

- d) Dois tipos de violência se destacam sendo maiores na universidade do que fora dela: o machismo (17,1% dentro / 12,2% fora) e o assédio moral (10,2% dentro / 10%);
- e) Pouco mais de um terço dos estudantes já se sentiram discriminados em algum momento dentro da universidade;
- f) Discriminados em sua maioria pelos professores e/ou pelos próprios colegas;
- g) Na pós-graduação, pouco mais de 40% acham excessivas as exigências de produção científica de sua área. (p. 145)

Entendemos que o sofrimento psíquico é coletivo e não individual. Não são as exigências do indivíduo para si e para os outros e sim a pressão sofrida pelas instituições e relações sociais que criam o desconforto e sofrimento. No mesmo sentido, Marques Leão *et al.* (2019) argumentam que há, na contemporaneidade, um imperativo de (auto)responsabilização individual sobre a saúde física e psíquica. As práticas e transformações da vida cotidiana, como relações interpessoais, na vida afetiva, no ambiente de trabalho, na universidade; além das cobranças específicas da vida acadêmica, “da falta de políticas de permanência, das violências variadas (de gênero, raça, sexualidades) praticadas por professores (assédio sexual e moral) ou por colegas (discriminações, bullying)” (p. 59) são entendidos como “obstáculos” que devem ser superados individualmente e não como questões estruturais que devem ser abordadas pela instituição.

As crises produzidas social e institucionalmente são percebidas como crises individuais à medida que se fragilizam as instituições e redes de proteção social, cada vez menos preparadas para lidar com o sofrimento e o adoecimento psíquicos. As respostas ou reações ao sofrimento, portanto, também se organizam de forma individualizada e estando aquém da sua complexidade. (Marques Leão *et al.*, 2019, p. 51)

As discussões sobre a relação entre o neoliberalismo e os sofrimentos psíquicos estão cada vez mais em evidência. Safatle *et al.* (2020) argumentam que o neoliberalismo, e sua performatividade, “tem igualmente efeitos ontológicos na determinação e produção do sofrimento” (p. 7). Caponi & Kozuchovski (2020), em diálogo com os estudos de Dardot e Laval, analisam como “os sofrimentos psíquicos do neosujeito, ou sujeito neoliberal, decorrentes de suas condições adversas de vida, foram transformados pela psiquiatria biológica em um conjunto de sintomas que

indicariam a existência de alguma patologia ou transtorno mental” (p. 303), que seriam transformadas em diagnósticos.

As condições adversas de vida no mundo neoliberal são abordadas extensivamente por Dardot e Laval (2016a, 2016b), Torres Sanvicente (2019) e Laval (2019). Os autores argumentam que a proposta neoliberal é mais que uma ideologia ou política econômica, ela é um sistema de normas que opera nas práticas e comportamentos. A lógica que estava somente na empresa, ultrapassa seus muros e abarca todas as relações sociais, em múltiplas instituições. A lógica do mercado, com foco na concorrência, impõe aos indivíduos e instituições o modelo empreendedor (Savicente, 2019). Quando Dardot e Laval abordam a questão do sujeito neoliberal, estão tratando desse indivíduo moldado pelo neoliberalismo:

Para alcançar a realização desse indivíduo neoliberal, é necessário um conjunto de arranjos sociais, econômicos e institucionais. Cada trabalhador deve desenvolver um comportamento orientado para aumentar o seu próprio desempenho, deve estar completamente envolvido no seu trabalho, responsável pelos seus resultados individuais, motivado por sistemas de incentivos; numa palavra, deve mostrar uma disposição interior que não é o resultado de obediência passiva e inteiramente exterior às regras, mas o resultado de um verdadeiro trabalho sobre si próprio. (Savicente, 2019, p. 321)

O capital humano, como chamam os economistas, é o maior fator de competitividade. Como diria Caponi & Kozuchovski (2020), desde a infância os indivíduos são ensinados a responder à lógica da concorrência e alta performance.

Esse investimento excede o campo educativo e se amplia para o âmbito dos valores desejados, dos comportamentos e das emoções consideradas imprescindíveis no mundo empresarial, como a inteligência emocional, a tolerância às adversidades, o controle de sintomas de ansiedade e depressão, a criatividade, o espírito concorrencial, entre tantos outros cotados pelo mercado (p. 306)

O limite é marcado pela proliferação de diagnósticos psiquiátricos e medicamentação da vida. As exigências da vida universitária se somam às outras exigências vindas dos diversos espaços sociais nos quais os indivíduos circulam. Pela lógica neoliberal, a vida profissional acadêmica se resume à produtividade.

“Publicar ou perecer”: a máxima que vale para os pesquisadores é uma tradução setorial do “vender ou morrer” que vale no mercado de trabalho. Em outras palavras, a lógica da situação consiste em naturalizar o que é politicamente construído, em fazer os sujeitos pensarem eventualmente que o regime de concorrência é um funcionamento natural. (Dardot & Laval, 2016b, p. 13)

Na UFSC, o sofrimento psíquico foi pesquisado e analisado por Cordeiro de Souza *et al.* (2015). O estudo teve como objetivo “investigar a associação entre experiências discriminatórias por múltiplos motivos e sofrimento psíquico” (p. 527). A amostra teve 1023 respondentes, de 12 cursos (Ciências Contábeis, Direito, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica, Engenharia Química, Engenharia Sanitária e Ambiental, História, Pedagogia, Psicologia, Odontologia, Medicina e Sistemas de Informação), matriculados em 2012. Após análise dos dados, percebeu-se que pessoas pardas, formandos, mulheres e indivíduos com idade entre 23 e 27 anos têm mais chance de desenvolver transtornos mentais comuns que pessoas brancas, calouras, homens e indivíduos com idade entre 16 e 19 anos (p. 533). As autoras concluem que discriminação e sofrimento psíquico estão relacionados no ambiente da instituição. O depoimento a seguir exemplifica:

*Aqui o primeiro ano foi mais difícil com professores, eu quis desistir do curso só pela experiência com professores. Eu fui muito humilhada por alguns professores e eu só fui identificar que era assédio moral, que era humilhação depois de passar alguns anos e ter conversado com algumas pessoas. (Entrevistada 5)*

Especificamente no curso de Educação Física da UFSC, Barros (2017) analisou o tema do sofrimento psíquico em 20 estudantes concluintes do curso em 2017. A descrição dos dados coletados por questionários mostrou a prevalência dos transtornos de ansiedade e depressão mesmo quando havia a prática de atividade física no lazer. Uma questão que acomete as estudantes e profissionais da Educação Física está relacionada ao próprio corpo e as pressões estéticas sofridas. Conforme uma entrevistada, o discurso da saúde e da preocupação são utilizadas como recurso para constrangimentos:

*Eu tô ‘fora do padrão’ da minha profissão porque eu sou obesa e daí eu sou professora de educação física. Então as pessoas julgam acham que porque*

*you are a professor of physical education or if you are trained in physical education you have to have an athletic body, you have to be defined, that's what that [...] A class that I was used to as a very bad example, like Chacota, I know, it was those comments half-hidden, pretending to be concerned.*  
(Entrevistada 1)

A questão dos assédios, e particularmente, do assédio moral é bastante complexo. A violência simbólica atravessa diversas esferas sociais e tem como uma característica a naturalização da experiência. Ainda assim, assédio e violência na Universidade têm sido debatidos em diversas áreas da academia, da sociedade e das mídias. O tema “Mulheres na Ciência” há muito é debatido por grupos feministas (Bitencourt, 2006; Grossi & Rea, 2020; Kovaleski *et al.*, 2014) e, mais recentemente, por outros campos do saber entendidos como mais “duros” (engenharias, matemática etc.). Uma questão bastante debatida é como os assédios interferem na trajetória acadêmica das mulheres. Conforme relato de nossa entrevistada, os assédios são muitas vezes, bastante diretos: “*E no semestre seguinte, que eu reprovei na matéria dele, ele perguntou se eu ainda não tinha desistido: ‘você ainda está aqui, você não desistiu?’*” (Entrevistada 9).

### **A sobrecarga sobre as mulheres**

O documentário *Picture a scientist* (2020) aborda a temática dos assédios sofridos por mulheres e suas diferentes manifestações. Ao mostrar, via dados científicos e estatísticos além das narrativas pessoais, as desigualdades dentro das universidades norte-americanas (por exemplo, doutorados nas áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática nos EUA, em 2016 eram ocupados 47,9% por homens brancos, 25,7% por mulheres brancas e apenas 2,2% por mulheres negras), as pesquisadoras trouxeram à tona questões que muitas vezes são negadas e negligenciadas dentro dessas instituições. Entendemos que essa iniciativa junto com outras, como o #metoo<sup>2</sup> (BBC Brasil, 2018), legitimam a luta contra as violências de gênero e transbordam o campo acadêmico, tendo um efeito social.

---

<sup>2</sup> #metoo é um movimento que se consolidou entre as atrizes de Hollywood contra a cultura de assédio sexual no cenário do cinema mundial e repercutiu em vários lugares. Se iniciou quando a atriz Alyssa Milano solicitou no Twitter que todas as mulheres que tivessem sido sexualmente assediadas ou agredidas respondessem para ela com a hashtag #MeToo (“Eu também” em tradução livre) em apoio às mulheres que haviam denunciado um produtor assediador. Pelo menos meio milhão de mulheres enviaram suas respostas nas primeiras 24 horas.

Bourdieu (2012), ao falar da relação de dominação de homens sobre mulheres, está tratando do processo de eternização e ratificação da estrutura social. As diferenças sociais e a hierarquização vinculada a elas se mostra normal, natural, parece inevitável. A divisão entre os sexos está incorporada nos corpos e nos habitus dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, pensamento e ação. É a concordância entre estrutura objetiva e cognitiva.

Assim, as mulheres sofrem assédio sexual desde piadas, cantadas e investidas sexuais, até a violência do ato sexual não somente de superiores hierarquicamente, mas também de colegas e estudantes. As autoras abordam a dificuldade de tratar do tema e de reconhecer os assédios sofridos mesmo tendo tido acesso a discussões feministas e legais sobre o tema. É essa estrutura das normas de gênero que constrange, mas não “dá saída” que reconhecemos aqui como violência simbólica e dominação masculina. Para Hirigoyen (2019), ações como utilização de palavras insignificantes, alusões, sugestões, não-ditos, rebaixamento e outras formas de desqualificação são exemplos das situações cotidianas onde acontecem as agressões.

Ao analisarem “os aspectos da experiência do assédio sexual vivenciadas, estritamente, por alunas dentro da universidade”, Teixeira & Rampazo (2017) perceberam como “a universidade também reproduz as relações históricas em que colocam a posição feminina como subalterna com relação aos homens. Assim, a objetificação da mulher, enquanto aluna, continua naturalizada” (p. 23). Ela e ele assumem que assédio sexual não se limita a uma hierarquia formal/institucional, mas sobre uma hierarquia que é socialmente construída com base nas divisões de gênero e seus papéis sociais. A autora e autor chegam a conclusão que muitas das mulheres entrevistadas não conseguiam definir claramente o que classifica assédio sexual, podendo o ter vivenciado sem ter entendido como violência. Outra questão bastante evidenciada foi o medo de denunciar e sofrer represália, bem como se expor diante de colegas, professoras/es e instituição.

Outras violências são vivenciadas no ambiente acadêmico. O Jornal Intercept Brasil (2019) fez um levantamento a partir das ocorrências feitas pelas pessoas violentadas dentro das universidades brasileiras. De acordo com esse levantamento, “desde 2008, pelo menos 556 mulheres, entre estudantes, professoras e funcionárias, foram vítimas de algum tipo de violência em instituições de ensino superior”. Das 122 instituições identificadas, 88 são públicas e 80% dos crimes aconteceram nos campi. “Em 60% dos casos os agressores eram alunos; em 45%, docentes – os demais ou

não foram identificados, ou não eram diretamente vinculados às universidades, como técnicos terceirizados ou operários de construções também terceirizadas” (Sayuri & Sicuro, 2019, par. 6). O jornal *Le Monde Diplomatique Brasil* (2021) abordou a temática e as legislações em vigor no Brasil para os diversos casos de assédio.

O assédio caracteriza-se por constrangimentos ou ameaças com a finalidade de obter favores sexuais feita por alguém de posição superior à vítima, como o professor em relação à aluna (conforme Art. 216-A do Código Penal). A importunação ofensiva ao pudor é o assédio verbal, quando alguém diz coisas desagradáveis e/ou invasivas (as famosas “cantadas”) ou faz ameaças (Conforme Art. 61 da Lei nº 3688/1941). O assédio e a importunação já estão tipificados na lei, embora estejamos muito aquém de contê-los no ambiente acadêmico. A presença desse tipo de comportamento violento e constrangedor traz severas consequências para o tipo de convívio que alimentamos e acaba por contribuir para um dos maiores desafios enfrentados, por exemplo, pela área de filosofia: o combate à evasão das mulheres. (Aggio & Ramos, 2021, par. 8)

Boecke *et al.* (2019) apresentaram dados sobre o assédio sexual na Universidade Federal do Ceará. A pesquisa contou com 15 entrevistas realizadas com alunas matriculadas em cursos dos centros de humanidades e concluiu que “que as formas como o assédio se expressa nas relações entre professores e alunas perpassa muito os aspectos do assédio moral, uma vez que este parte do princípio de inferioridade de uma das pessoas” (p. 11). Além disso, as entrevistas evidenciaram que os assédios sexuais por parte dos professores e servidores acontecem durante as aulas, nos corredores, a partir de contato físico indevido e frases que ofendem, amedrontam ou indicam um desejo de flerte, seja presencialmente ou nas redes sociais. Uma de nossas entrevistadas nos relatou uma situação onde mostra que os assédios acontecem dentro das salas de aula da universidade: “*Eu tinha um professor, ele era mais velho, que mandava para o quadro para ficar olhando a bunda da gente, quando passava uma menina do corredor ele, às vezes, saía da sala para olhar a menina que tava passando*” (Entrevistada 5).

Silva Ramos (2019) aborda o assédio sexual dentro do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Quando questionadas sobre desistências por conta dos assédios, 8,2% relataram que evitaram lugares por receio e 3,6% já pensaram em desistir do curso por questões relacionadas ao assédio sexual. Também presenciamos o relato de uma estudante da área da saúde: “*Eu já*

*vi ele encoxando as pessoas, a gente ficava no microscópio e ele chegava por trás*” (Entrevistada 14). Em relação aos sentimentos das estudantes diante do assédio, Silva Ramos (2019) obteve os seguintes resultados: “medo e a ansiedade (29,3%), 21% declararam que após a situação ficaram mais calada e retraída e a impotência (18,0%)” (p. 25). Esta pesquisa também revelou o sentimento de culpa individual pelo assédio em 6,8% das respondentes.

Hirigoyen (2019) também elenca as formas como o agressor impede a vítima de reagir ao assédio. São elas: recusar a comunicação direta (o conflito não é mencionado, mas as atitudes de desqualificação permanecem. Quando o agressor se recusa a debater, a vítima fica paralisada); desqualificar (a agressão não é aberta, mas acontece nas sutilezas. Suspiros seguidos, erguer de ombros, olhares de desprezo, ou silêncios, alusões desestabilizantes ou malévolas, levando a uma progressiva dúvida sobre a competência da vítima); desacreditar (insinuar a dúvida na cabeça de outras pessoas); isolar (cortar alianças possíveis da vítima. Quando vem de colegas, consiste em não convidar para sair como grupo. Já quando vem da chefia, há a privação de qualquer informação, os emails não são enviados, a pessoa não é chamada para as reuniões); vexar (dar tarefas inúteis ou degradantes, fixar objetivos impossíveis de serem atingidos e quando realizados são ignorados e/ou não utilizados); indução ao erro (assim que incorre no erro, a vítima é rebaixada ou criticada. Há também a indução a comportamentos agressivos para que possa desqualificá-la - chamando-a de histérica, louca); e o assédio sexual (quando a vítima é entendida como objeto que está à disposição aos desejos sexuais do agressor).

Outro exemplo de violência sofrida no ambiente acadêmico é a questão da maternidade na universidade. Bitencourt (2008, 2011) ao estudar a relação das mulheres com o espaço acadêmico, aborda a questão de que muitas mulheres vivenciam a ambivalência da maternidade, entre dedicação à família e à pesquisa, pois não a coexistência dessas práticas na vida das mulheres cientistas não é legitimada.

A característica exclusivamente feminina, a gestação filhos, as mudanças corporais vivenciadas pelas mulheres não condizem com a representação do sujeito adequado para fazer ciência. É fato o cuidado com os filhos pequenos deixa as mulheres durante um período com uma baixa produção. Esta baixa produção é um aspecto que coloca as mulheres, estas quando mães, ainda mais em desvantagem não apenas em relação aos homens, mas também as mulheres sem filhos. A necessidade de discutir tal situação nos faz sair do

campo artificialmente autônomo da ciência, para enfatizar como as cientistas têm vivenciado esta cultura. (Bitencourt, 2008, p. 19)

A violência simbólica para a reprodução do campo científico faz com que as mulheres sofram ao terem que fazer essas escolhas. O movimento Parent in Science Brasil (2018) apresenta dados reveladores sobre a maternidade no ambiente universitário. As mulheres mães levam, em média, dois anos para terem a mesma produtividade que tinham antes do nascimento da criança. Muito desse desafio está no papel de mãe que está dado nas sociedades contemporâneas, que inibem que a mãe seja também profissional (equitativamente). Ao mesmo tempo, a universidade está criada a partir dos padrões masculinos de pensamento e estrutura - falta de fraldários em todos os banheiros, espaços para amamentação e descanso de mães e crianças, dedicação mental exclusiva para as pesquisas, ensino e extensão; fazendo com que o espaço acadêmico seja árido para mulheres que pretendem seguir a carreira. Mas essa carreira se inicia na carreira da graduação e já aí são inculcadas e naturalizadas as violências. Ao ser desestimulada pela estrutura institucional e vivenciar assédios moral e sexual, mulheres desistem antes mesmo de entrar nesse campo.

### **O medicamento como sobrevivência**

As questões abordadas anteriormente - pressão por produtividade, vida neoliberal, violências sexuais e morais, maternidade - são todas possíveis obstáculos para a formação crítica e saudável de mulheres universitárias. Ao serem questionadas sobre a vida acadêmica, as vinte e duas entrevistadas tinham narrativas de sofrimento psíquico, diagnósticos psiquiátricos e uso de medicamentos psicotrópicos.

Cada vez mais temos estudos que abordam a temática do uso de medicamentos por mulheres. No Brasil, o trabalho de da Silva Mazon *et al.* (2023) apresenta dados sobre o uso de psicofármacos pelas mulheres, principalmente aquelas que já têm mais de 40 anos. Trabalhos como o de Bru (2022), mostram como na Argentina, igualmente a prescrição de psicofármacos é majoritariamente feita às mulheres.

Ao analisar a publicidade de psicotrópicos, como a clorpromazina, nas décadas de 1950 e 1960, Caponi (2019) verificou que os anúncios eram feitos como promessas de controle do sofrimento da vida cotidiana de mulheres. Não se apresentava o medicamento como tratamento de uma doença, mas visava manter as mulheres dentro dos padrões estabelecidos do que era a função feminina: ser mãe, cuidar da

casa e dos filhos. Hoje incluiríamos a produtividade no emprego, bom desempenho acadêmico e cuidado com a estética pessoal.

Safatle *et al.* (2020) abordam a questão do vínculo entre a indústria farmacêutica, a psiquiatria e o neoliberalismo e a transformação das categorias clínicas que decorrem dela:

Apagamento das neuroses, com a hegemonia da depressão, com a redução da psicose à forma unitária da esquizofrenia, com a consolidação dos transtornos borderline e, finalmente, com a substituição da clínica tradicional, restrita ao tratamento de doenças, pela lógica do enhancement, que começa a explorar cada vez mais os fármacos, inicialmente concebidos para o sofrimento psíquico, em um novo objetivo, aquele da potencialização de performances no trabalho. (Safatle *et al.*, 2020, p. 6)

Nesse mesmo sentido, Neves *et al.* (2020) argumentam que a psiquiatria teve papel fundamental na produção de patologias e, conseqüentemente, no consumo de psicofármacos. O investimento nas pesquisas e também a relação da indústria com profissionais retroalimentam a dinâmica de aumento de diagnósticos. Uma das estratégias é desvincular o uso de psicotrópicos a doenças ou transtornos, permitindo que pacientes/clientes os utilizem sem o estigma vinculado. Essa nova possibilidade de ter acesso aos medicamentos sem estar necessariamente doente, potencializa o discurso neoliberal de produtividade e alto rendimento.

Da Silva Mazon (2019; 2020; 2022) parte da ideia do “mercado de medicamentos enquanto campo de lutas – luta em torno dos critérios de classificação da realidade bem como a dinâmica de inter-atuação com o campo da saúde” (da Silva Mazon, 2020, p. 117). Nesse sentido, a análise se dá sobre a relação entre a área médica - e o movimento de inserção e estabilização da psiquiatria e psicanálise, e a indústria farmacêutica - com o investimento em pesquisas e marketing (da Silva Mazon, 2020). Os efeitos da medicação são da ordem do discurso, na “mudança de critérios de classificação da realidade numa interação complexa e passível de contestação entre mercados, conhecimento psiquiátrico e administração da saúde” (da Silva Mazon, 2020, p. 136).

Retomando Illouz (2011), da Silva Mazon (2022) argumenta que o fato da criação do capitalismo ter sido acompanhada por uma cultura afetiva especializada (psiquiatria,

psicologia e psicanálise) garantiu que vivêssemos no que pode ser chamado de estilo terapêutico. Assim, as teorias terapêuticas são formas de convencimento de que somos de certa maneira, ou seja, pensar a partir da lógica do eu - característico do capitalismo afetivo, transforma a maneira como gerenciamos as emoções e comportamentos, que, por desdobramento, “toca igualmente a questão de como medicamentos são legitimados como alternativa para alterar, manter, aprimorar comportamentos e emoções esperadas” (da Silva Mazon, 2022, p. 7).

Para Illouz (2011), a ascensão da competência afetiva proporcionou a legitimação do psicólogo enquanto pertencedor do “monopólio da definição e das regras da vida afetiva, e que, portanto, estabeleceram novos critérios para capturar, gerir e quantificar essa vida afetiva” (p. 96). Foram esses profissionais que criaram as condições de existência desse campo e mercado.

A questão crucial seria a institucionalização do direito de narrar sua trajetória e seu sofrimento. Nesse sentido o seu eu se torna institucionalizado. “Para que se transforme num esquema básico que organize o eu, uma narrativa deve ter uma enorme ressonância institucional cultural, ou seja, tem que se tornar parte das operações rotineiras de instituições que comandam enormes recursos culturais e sociais, como o Estado ou o mercado” (Illouz, 2011, p. 84).

Como a solução para os problemas e sofrimentos relatados nas narrativas é da ordem social, coletiva e institucional, a lógica neoliberal propõe então uma maneira de adaptação à nova ordem e o uso de psicofármacos como recurso.

Quando o sujeito se depara com a iminência de seu crash pessoal, a alternativa do doping, através de suas mais variadas fórmulas, tende a bater mais forte a porta. É através de uma cultura medicamentosa que cada vez mais se inserem múltiplas formas de saberes e práticas médicas que participam da formação do modo de viver dos indivíduos. (De Lima Pereira & Ghilardi, 2020, p. 16)

Na análise das entrevistas, apareceram duas categorias de justificativas para o uso de psicofármacos: os diagnósticos de depressão e ansiedade; e o aumento de rendimento. Todas relataram fazer uso ou conhecer alguém que faça. Entendemos que esses dois grupos de justificativas não são excludentes, pelo contrário, são faces da mesma violência que recai sobre as mulheres. O que muda é a maneira como são sentidas essas violências e como os diversos tipos de medicamentos são mobilizados para sua superação.

As mulheres que recorrem aos psicotrópicos como a Ritalina® (princípio ativo é o cloridrato de metilfenidato), justificam o uso: “*Para estudar para provas*”, “*para dar um gás*”, “*para manter o foco*”. Uma entrevistada nos conta que a irmã fez uso de Ritalina: “*Ela usou no último semestre que ela tava fazendo o TCC e ela tava estudando e trabalhando e aí ela disse que usou. E ela disse que no curso dela, a maioria das pessoas usavam*” (Entrevistada 17). Em seus relatos, as estudantes deixaram claro que tinham acesso a esses medicamentos de maneira “*informal*”, ou seja, ilegal: alguém na Universidade tem acesso e vende ou algum parente/amiga tem diagnóstico e receita e “*doa*” o excedente do uso próprio. Todas disseram fazer uso pontual quando precisam de concentração e produtividade.

*O teu colega te oferece e aí ele consegue comprar com alguém que acha uma receita não sei aonde, compra para todo mundo e sai vendendo. É assim, não sei como é que ele conseguiu a receita, mas era um moço mais velho. Ele conseguia receita, comprava, vendia para esse colega meu e ele vendia para gente. A caixinha vem com três cartelas.* (Entrevistada 11)

Da mesma forma, algumas estudantes fazem uso de psicofármacos para o tratamento de transtornos e sofrimentos, normalmente diagnosticados por um médico. Os diagnósticos de depressão, ansiedade, TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade) estavam sempre acompanhados do uso de psicotrópicos. As estudantes relataram não estarem “*dando conta*” das pressões da Universidade e por isso procuraram ajuda médica.

*Eu sinto que desde que eu comecei a usar a medicação minha vida mudou bastante. Eu consegui entender todo o sofrimento que eu tinha e lidar com ele de uma forma mais adequada, sem ficar sendo derrubada por ele, por qualquer coisa que acontecia. Antes do medicamento, qualquer coisinha muito menor que acontecia na minha vida eu chorava. Antigamente, eu te daria oi e já começaria a chorar, eu não conseguia nem falar de tanto que eu chorava, de tanta coisa que tinha dentro de mim. E aí em situações da vida de tentar trabalhar, um estágio, estudar, sair, fazer amigos, todas essas situações passavam por esse sofrimento que não terminava nunca. E depois que eu comecei a tomar medicação isso ficou muito mais estável, eu fiquei muito mais forte e hoje eu consigo entender o que que é a depressão e o que que é quando eu tô triste como uma pessoa normal que fica triste.* (Entrevistada 19)

Os argumentos para a manutenção do uso após passada a crise normalmente está relacionada ao risco de reincidência: “*É bom continuar tomando doses baixas para evitar uma outra crise*” (Entrevistada 6). Percebemos como a vida cotidiana é atravessada pelo estilo terapêutico e tem nas figuras do médico e do medicamento a solução para os sofrimentos causados pela lógica sexista e neoliberal.

## Conclusões

O artigo explorou o tema do assédio sexual e moral experimentados por estudantes mulheres nas Universidades brasileiras. Analisamos as narrativas das estudantes da graduação e pós-graduação que sofreram com essas modalidades de violência e que, conseqüentemente, fazem uso de psicotrópicos, bem como trabalhos desenvolvidos em outras instituições.

Se torna evidente que a rotina acadêmica, em geral, é causadora de sofrimento por parte de estudantes. Como afirmam Caponi & Kozuchovski (2020), o discurso neoliberal impõe aos indivíduos o sentimento de frustração constante e com o argumento da individualização da causa. Os indivíduos, que são considerados empreendedores e inteiramente livres, são também responsáveis pelo insucesso, fracasso pessoal e situações de desamparo. No limite, ou não souberam antecipar os riscos ou não investiram o suficiente em si mesmos.

Seja por causa das pressões, dos assédios ou da produtividade, as estudantes sentem suas vidas se transformarem e a saúde mental se deteriorar. Diversos foram os relatos de situações onde a vida acadêmica foi a causadora de sofrimentos. As múltiplas violências se tornaram fatores relevantes para mudança de laboratório ou temas de pesquisa; evidenciando o quanto os assédios podem transformar radicalmente a vida pessoal e profissional das mulheres, principalmente quando silenciadas. No limite, recorrem aos medicamentos para se adaptar e prosseguir na carreira científica.

Duas motivações principais, e não excludentes, ao uso de medicamentos foram relatadas pelas entrevistadas. As situações, que são violentas, causam sofrimento e se desdobram em uso de psicotrópicos são a produtividade acadêmica e a pressão e violência de gênero.

Os usos de medicamentos, seja para tratar algum diagnóstico psiquiátrico ou para aumentar a produtividade, acompanha o discurso neoliberal que anuncia os indivíduos

como seres que devem aumentar o seu capital humano, os neosujeitos como apontam Dardot e Laval que devem ultrapassar emoções, assumir a culpa sobre suas próprias falhas enquanto fenômeno individual. Nas mulheres essa pressão e opressão são intensificadas pelas questões de gênero e sexismo no ambiente acadêmico, mesmo que não verbalizadas como vinculadas.

Como sugere Davies (2022), os psicotrópicos são tentativas de mascarar os problemas sociais estruturais, usando de recursos discursivos racionais: estabilização das formas mais graves de mal-estar e consumo a curto prazo. Além de reforçar o poder da indústria farmacêutica, o uso de medicamentos ressignifica os problemas sociais como deficiências individuais e físicas anunciadas como remediáveis. Criando assim uma “cortina” que esconderia os reais problemas.

## Références

- Amorim, B. & da Silva Mazon, M. (2023). A violência simbólica e o sofrimento psíquico em jovens estudantes universitárias. In S. Caponi, M. F. Vásquez, M. Da Silva Mazon, F. Stolf Brzozowski & J. Ladrón de Guevara (orgs.), *Saberes expertos e medicalização no domínio da infância* (pp. 117-134). Editora LiberArs Ltda.
- Aggio, J. & Ramos, S. (janeiro, 2012). Assédio sexual na universidade: um problema incontornável? *Le Monde Diplomatique Brasil*. <https://diplomatique.org.br/assedio-sexual-na-universidade-um-problema-incontornavel/>
- ANDIFES. (2014). *IV Pesquisa do Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Instituições Federais de Ensino Superior Brasileiras*. <https://acortar.link/LB9jye>
- Barros, R. (2017). *Ansiedade e depressão em universitários estudantes de educação física da UFSC, Santa Catarina* (Tese de Licenciatura). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/181905>
- BBC Brasil. (21 maio, 2018). O que a campanha #MeToo conseguiu mudar de fato? *BBC News Brasil*. <https://www.bbc.com/portuguese/geral-44164417>
- Bitencourt, S. M. (2006). *Existe um outro lado do rio?: um diálogo entre a cultura da engenharia e relações de gênero no Centro Tecnológico da UFSC* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/89059>

- Bitencourt, S. M. (2008). Ser cientista é ser cientista: as netas de Minerva e as contradições diante da cultura científica. In *32 Encontro Anual da Anpocs*, 2008, Caxambu. GT 22 - Etnografando o fazer científico.
- Bitencourt, S. M. (2011). *Candidatas à ciência: a compreensão da maternidade na fase do doutorado* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/95888>
- Boecke, D., Ribeiro Martins, M. C. & Dias Barroso, F. S. (2019). As relações de assédio sexual no âmbito universitário: A dualidade entre silêncio e visibilidade dentro da Universidade Federal do Ceará. In *ANAIS IX Jornada Internacional de Políticas Públicas (JOINPP)*. Maranhão. <https://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2019/images/trabalhos/1162.pdf>
- Bourdieu, P. (2012). *A dominação masculina* (M. H. Kühner, trad.). Bertrand Brasil.
- Bourdieu, P. (2014). *Sobre o Estado*. Companhia das Letras.
- Bru, G. (2022). Medicalización, salud mental y género: perspectivas sobre el uso de psicofármacos por mujeres (Argentina). *Revista Katálysis*, 25(3), 611-620. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/85167>
- Caixeta, S. P. & Almeida, S. F. C. (2013). Sofrimento Psíquico em Estudante Universitário. In *XI Congresso Nacional de Educação - EDUCERE*, II SIRSE e VI SIPD/UNESCO, 2013, Curitiba. EDUCERE 2013.
- Caponi, S. (2019) *Uma sala tranquila: neurolépticos para uma biopolítica da indiferença*. Liber Ars.
- Caponi, S., Amorim, L., Brzozowski, F., Vásquez, M. F., Bender, M. & Santos, J. (2021). Sofrimento psíquico em acadêmicos da Universidade Federal de Santa Catarina. *Relatório de Pesquisa*. Núcleo de Estudos em Sociologia, Filosofia e História das Ciências da Saúde (NESFHIS/UFSC). Florianópolis: UFSC.
- Caponi, S. & Kozuchovski, P. (2020). Neoliberalismo e Sofrimento Psíquico: A Psiquiatrização dos Padecimentos no âmbito Escolar. *Mediações: Revista de Ciências Sociais*, 25(2), 302-320. <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/39721>
- Cheney, I & Shattuck, S. (Dir.). (2020). *Picture a Scientist*. [Documentário]. Netflix. <https://www.netflix.com/>
- Conrad, P. & Schneider, J. W. (1992). *Deviance and medicalization: From badness to Sickness*. Temple University Press.
- Cordeiro de Souza, M. V., Lehmkuhl, I. & Bastos, J. L. (2015). Discriminação e sofrimento psíquico de graduandos da Universidade Federal de Santa Catarina. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 18, 525-537.

- Da Silva Mazon, M. (2019). Indústria farmacêutica e psiquiatria no quadro da Sociologia Econômica: uma agenda de pesquisa. *Política & Sociedade*, 18, 36-161.
- Da Silva Mazon, M. (2020). Dos diagnósticos aos manuais: mercado farmacêutico e transtornos mentais da infância em questão. *Política & Sociedade*, 19(46), 115-140. <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2020.e75323>
- Da Silva Mazon, M. (2022). Consumo de psicotrópicos e estilo terapêutico. Os limites do uso racional de medicamentos. *Estudos de Sociologia. Araraquara*, 27(2). <https://doi.org/10.52780/res.v27iesp.2.16907>
- Da Silva Mazon, M., Amorim, B. & Brzozowski, F. (2023). Psicotrópico se declina no feminino: saúde mental e mundo digital em questão. *Revista Estudos Feministas*, 31(1), e93079.
- Dardot, P. & Laval, C. (2016a). *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Boitempo.
- Dardot, P. & Laval, C. (2016b). Neoliberalismo e subjetivação capitalista. *Revista O olho da história*, 22. <https://acortar.link/vG2nt6>
- Davies, J. (2022). *Sedados: Cómo el capitalismo moderno creó la crisis de salud mental*. Capitán Swing.
- De Lima Pereira, G. & Ghilardi, D. (2020). O admirável neosujeito: Doping como narrativa política e seus efeitos na saúde psíquica. *Revista Opinião Filosófica*, 11(Ed. esp. 2). <https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v11.981>
- Grossi, M. P. & Rea, C. A. (Org.). (2020). *Teoria feminista e produção de conhecimento situado*. Editora Tribo da Ilha e Editora Devires.
- Hirigoyen, M. F. (2019). *Assédio moral: a violência perversa no cotidiano* (17.<sup>a</sup> ed.). Bertrand Brasil.
- Ibrahim, A. K., Kelly, S. J., Adams, C. E., & Glazebrook, C. (2013). A systematic review of studies of depression prevalence in university students. *Journal of psychiatric research*, 47(3), 391-400. <https://doi.org/10.1016/j.jpsychires.2012.11.015>
- Illouz, E. (2011). *O amor nos tempos do capitalismo*. Zahar.
- Kovaleski, N. V. J., Tortato, C. S. B., & De Carvalho, M. G. (2013). As relações de gênero na história das ciências: a participação feminina no progresso científico e tecnológico (Gender relations in the history of science: The women's participation in the scientific and technological progress. *Emancipação*, 13(3), 9-26. <https://revistas.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/5047>
- Laval, C. (2019). *A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público* (M. Echalar, trad.). Boitempo.

- Marques Leão, Th., Zöllner Ianni, A. M. & Goto, C. S. (2019). Individualização e sofrimento psíquico na universidade: entre a clínica e a empresa de si. *Humanidades & Inovação*, 6(9), 131-143. <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/1250>
- Neves, A., Ismerim, A., Brito, B., da Costa, F. D., Reis Pedroso dos Santos, L., Senhorini, M., da Silva Junior, N., de Campos Beer, P. A., Bazzo, R., Cunha Gonsalves, R. L., Coelho, S. P. & Rodrigues Carnizelo, V. C. (2020). A psiquiatria sob o neoliberalismo: da clínica dos transtornos ao aprimoramento de si. In V. Safatle, N. Silva Junior & C. Dunker (orgs.), *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* (pp. 180-219). Autêntica.
- Pereira de Oliveira, M. (2021). *Sofrimento psíquico em estudantes universitários: uma revisão bibliográfica em diálogo com as ciências sociais* (Tese de Licenciatura). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/224581>
- Parent in Science Brasil. (2018). *Nosso projeto*. <https://www.parentinscience.com/sobre-o-parent-in-science>
- Reis Sousa, C. R. & da Costa Padovani, R. (2019). Quando as oportunidades oferecidas pela universidade são transformadas em sofrimento. *Humanidades & Inovação*, 6(9), 40-50.
- Safatle, V., Silva Júnior, N. & Dunker, C. (Orgs.). (2020). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Autêntica.
- Sayuri, J. & Sicuro, R. (2019). Abusos no campus: mais de 550 mulheres foram vítimas de violência sexual dentro de universidades desde 2008. *The Intercept Brasil, On-line*, 10.
- Silva Ramos, W. T. (2019). *O assédio sexual entre os muros da universidade: investigando situações vivenciadas por acadêmicas de enfermagem*. (Monografia). Centro de Educação e Saúde / UFCG. <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/handle/riufcg/8241>
- Soares Nunes, T. & Martins Fittipaldi, E. M. (2020). Assédio moral na pós-graduação: As consequências vivenciadas por docentes e discentes de uma Universidade Estadual brasileira. *Education Policy Analysis Archives*, 28, 11-27. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7444030>
- Torres Sanvicente, E. (2019). Entrevista com Christian Laval: novo neoliberalismo, autoritarismo e os novos caminhos do sindicalismo. *Teoria Jurídica Contemporânea*, 4(1), 318-336. <https://doi.org/10.21875/tjc.v4i1.27700>
- Teixeira, J. C. & Rampazo, A. (2017). Assédio sexual no contexto acadêmico da administração: o que os lábios não dizem, o coração não sente? *Farol-Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 4(11), 1151-1235.